

CAPÍTULO 1

A Ilha da Pedra-Moeda

De 1899 a 1919, as ilhas Carolinas, na Micronésia, eram uma colônia alemã. A ilha do grupo que fica mais a oeste é a ilha de Uap, ou Yap, que na época tinha uma população entre 5.000 e 6.000 habitantes.

Em 1903, um antropólogo americano chamado William Henry Furness III passou vários meses na ilha e escreveu um livro fascinante sobre os hábitos e costumes dos habitantes. Ficou muitíssimo impressionado com o sistema monetário dos ilhéus, e por isso deu ao seu livro o título que dei a este capítulo: *A Ilha da Pedra-Moeda* (*The Island of Stone Money*, 1910).

[C]omo a ilha deles não produz metal algum, eles recorrem à pedra; a pedra, na qual se despendeu mão-de-obra para apanhar e moldar, é uma representação de mão-de-obra tão legítima quanto as moedas mineradas e cunhadas da civilização.

Eles chamam o seu meio de troca de *fei*, que consiste de grandes, sólidas e grossas rodas de pedra, com diâmetros que vão de 30 centímetros a 4 metros, tendo no centro um buraco que varia de tamanho com o diâmetro da pedra e no qual pode-se inserir um pau suficiente grande e resistente para suportar o peso e facilitar o transporte. Essas "moedas" de pedra [eram feitas de calcário encontrado numa ilha que fica a uns 640 quilômetros de distância. Elas] eram extraídas e moldadas [na tal ilha e o produto] era levado para Yap por alguns destemidos navegadores nativos, em canoas ou em balsas (...).

[Um] detalhe digno de nota sobre esse dinheiro de pedra (...) é

que não é necessário que o dono a reduza para que possa ficar com ele. Depois de fazer um negócio que envolva o preço de um *fei* que seja grande demais para ser transportado com facilidade, o novo dono contenta-se perfeitamente em aceitar o mero reconhecimento da propriedade, e sem nem mesmo uma marca para indicar a troca, a moeda fica tranqüila na casa do antigo dono.

Meu fiel e velho amigo Fatumak garantiu-me que na aldeia que ficava perto havia uma família cuja riqueza era indiscutível — reconhecida por todos — e no entanto ninguém, nem mesmo a própria família, jamais vira ou tocara nessa riqueza; ela consistia de uma *fei* enorme, cujo tamanho só é conhecido por tradição; durante as duas ou três últimas gerações ela estivera, e naquele exato momento estava, no fundo do mar! Há muitos anos, um ancestral daquela família, numa expedição à procura de *fei*, conseguira aquela pedra impressionantemente grande e extremamente valiosa, que fora colocada numa balsa para ser rebocada para a ilha. Houvera uma violenta tempestade e o grupo, para salvar a vida, fora obrigado a cortar as amarras da balsa e deixá-la à deriva, e a pedra afundara, desaparecendo. Quando chegaram em casa, todos testemunharam que a *fei* era de proporções magníficas e de uma qualidade extraordinária, e que se perdera sem que o proprietário tivesse qualquer grau de culpa. Por essa razão, na sua fé simples, todos passaram a admitir que o mero acidente do afundamento da pedra era insignificante demais para ser mencionado, e que algumas centenas de metros de água ao largo da costa não deviam afetar o seu valor de mercado, já que ela estava esculpida na forma correta. O poder aquisitivo daquela pedra continua, portanto, tão válido quanto como se ela estivesse encostada, de maneira visível, à parede da casa do dono...

Não existem veículos sobre rodas em Yap e, em conseqüência, estradas carroçáveis; mas sempre houve trilhas claramente definidas fazendo a ligação com os diferentes povoados. Quando o governo alemão assumiu a propriedade das ilhas Carolinas, depois de comprá-las da Espanha em 1898, muitas dessas trilhas ou estradas estavam em condições precárias, e os chefes dos vários distritos foram avisados de que deviam mandar consertá-las e colocá-las em boas condições. Mas os blocos de coral toscamente polidos eram suficientes para os pés descalços dos nativos; e muitas foram as repetições da ordem, que ainda não fora cumprida. Por fim, decidiu-se impor uma multa aos chefes dos distritos, por desobediência. De que forma seria cobrada a multa? (...) Por fim, graças a uma idéia feliz, a multa foi cobrada enviando-se um homem a cada *failu* ou *pabai* em todos os distritos desobedientes, onde ele simplesmente marcava um certo nú-

mero das *fei* mais valiosas com uma cruz, com tinta preta, para mostrar que o governo alegava direitos sobre as pedras. Isso funcionou logo como um encanto; o povo, tristemente empobrecido assim, dedicou-se às estradas e reparou-as de tal maneira, de uma ponta à outra da ilha, que elas agora parecem pistas que cortam parques. E então o governo enviou seus agentes e eles apagaram as cruzes. Pronto! a multa fora paga, os felizes *failus* retomaram a posse de seu capital, e estavam ricos. (pp. 93, 96-100)

A reação do leitor comum, tal como a minha, será: “Que bobagem. Como é que se pode ser tão ilógico assim?” No entanto, antes de criticarmos com uma severidade exagerada o inocente povo de Yap, vale a pena examinar um episódio ocorrido nos Estados Unidos, diante do qual os ilhéus bem poderiam ter aquela mesma reação. Em 1932-33, o Banco da França temia que os Estados Unidos não fossem manter-se no padrão-ouro ao preço tradicional de US\$20,67 a onça do ouro. Por isso, o banco francês pediu ao Federal Reserve Bank de Nova York que convertesse em ouro a maior parte dos ativos em dólares que ele tinha nos Estados Unidos. A fim de evitar a necessidade de despachar o ouro para o outro lado do oceano, o Federal Reserve Bank foi solicitado simplesmente a estocá-lo por conta do Banco da França. Em atenção a esse pedido, as autoridades do Federal Reserve Bank foram até os seus cofres onde o ouro estava armazenado, colocaram em gavetas separadas a quantidade correta de lingotes de ouro e colocaram um selo, ou uma marca, nas gavetas, indicando que o que nelas se continha pertencia aos franceses. Para todos os efeitos, as gavetas poderiam ter sido assinaladas “com uma cruz com tinta preta”, tal como os alemães tinham marcado as pedras.

O resultado foi manchetes nos jornais financeiros sobre “a perda de ouro”, a ameaça ao sistema financeiro americano, e coisas assim. As reservas de ouro americanas tinham caído, as francesas tinham aumentado. Os mercados consideravam o dólar americano mais fraco, o franco francês, mais forte. A chamada drenagem de ouro dos Estados Unidos pela França foi um dos fatores que acabaram por levar ao pânico bancário de 1933.

Haverá realmente alguma diferença entre o Federal Reserve Bank acreditar que se encontrava numa posição monetária mais fraca por causa de algumas marcas em gavetas situadas nos seus porões,

e os ilhéus de Yap acreditaram que estavam mais pobres por causa de algumas marcas em sua moeda de pedra? Ou entre a crença do Banco da França de que estava numa situação monetária mais forte por causa de algumas marcas em gavetas situadas num porão a mais de 4.800 quilômetros de distância, e a crença da família de Yap de que era rica devido a uma pedra no fundo do mar a uns cem ou mais quilômetros? E, falando nisso, quantos de nós temos uma garantia literal, pessoal e direta, da existência da maioria dos itens que consideramos como componentes de nossa riqueza? O mais provável é que tenhamos lançamentos numa conta bancária, propriedade atestada por pedaços de papel chamados de ações e assim por diante.

Os ilhéus de Yap consideravam como uma manifestação concreta de sua riqueza pedras extraídas e esculpidas numa ilha distante e levadas para a deles. Durante um século ou mais, o mundo civilizado considerou como manifestação concreta de sua riqueza um metal extraído das profundezas do solo, refinado com muito trabalho, transportado a grandes distâncias, e enterrado outra vez em refinados cofres-fortes, situados a grande profundidade. Será que uma das práticas é realmente mais racional do que a outra?

O que os dois exemplos — e inúmeros outros que poderiam ser relacionados — ilustram é o quanto a aparência, ou a ilusão, ou o “mito”, dada uma crença incontestada, fica importante em questões monetárias. A nossa própria moeda, a moeda com a qual crescemos, o sistema no qual ela é controlada, para nós parecem “reais” e “racionais”. No entanto, a moeda de outros países muitas vezes nos parecem um mero papel ou um metal sem valor, mesmo quando o poder aquisitivo de unidades individuais é alto.